

FIGUEIREDO, F. J. Q. VYGOTSKY: A INTERAÇÃO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2019.

Suellen Alves de Sousa¹

Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas é fruto do pós-doutorado do professor Francisco José Quaresma Figueiredo, da UFG. A obra aborda a história de Lev Vygotsky e introduz os conceitos básicos de sua teoria. Os principais objetivos de Figueiredo são expor as construções elaboradas por Vygotsky e seus colaboradores no campo da teoria sociocultural, e apresentar de que forma essas pesquisas têm colaborado na aprendizagem de línguas.

A obra é composta por introdução, seis capítulos temáticos e considerações finais.

Na introdução do livro, Figueiredo tece considerações acerca de seu contexto de produção. O **primeiro capítulo** é dedicado à vida de Vygotsky e traz conceitos básicos sobre a teoria sociocultural. O **segundo capítulo**, As falas egocêntrica, interior e privada, discorre sobre os diferentes níveis de fala e suas características e funções. O **terceiro capítulo** refere-se à mediação, ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal e à sua aplicabilidade. O **quarto capítulo** trata da utilização de scaffoldings na prática educacional. No **quinto capítulo**, é elucidada a relação entre a teoria sociocultural e a aprendizagem de uma segunda língua e de uma língua estrangeira. Finalmente, no **sexto e último capítulo**, o autor discorre sobre a aplicação da teoria sociocultural na formação de professores.

O primeiro capítulo apresenta Vygotsky e o contexto no qual emerge sua proposta. Nascido na Bielo Rússia em 1896, professor e pesquisador de diversas áreas, Vygotsky dedicou-se à criação de uma teoria que explicasse as funções mentais superiores. As pesquisas sobre psicologia do primeiro quartil do século XX encontravam-se restritas à teoria behaviorista e à psicologia da Gestalt. A necessidade de explicar comportamentos complexos levou Vygotsky à construção da teoria sociocultural. A teoria sociocultural explica o desenvolvimento cognitivo do indivíduo através de suas interações sociais, considerando os contextos culturais e históricos dos quais o sujeito participa.

O segundo capítulo do livro ressalta a importância da fala no desenvolvimento cognitivo e lista uma possível classificação referente às funções por ela exercida de acordo com uma determinada etapa de desenvolvimento cognitivo. A fala infantil, construída através da interação com o outro, pode ser dividida entre fala comunicativa e fala egocêntrica. A primeira diz respeito à fala exercida com a finalidade de se comunicar com o outro. A segunda, adjetivada como egocêntrica, é comparável a um pensamento em voz alta, sem caráter comunicativo. Ela é consequência da transição da atividade social para a atividade mental individual da criança. Após a infância, essa não desaparece; torna-se, de acordo com a categorização de Figueiredo (2019, p.25), “fala interior”. Através dessa classificação é possível observar que a fala é utilizada não só para a comunicação com o outro, como também para a orientação e o planejamento do comportamento do próprio indivíduo. De forma breve, o autor ilustra uma aplicação da teoria sociocultural refletindo sobre o acesso

¹ Graduanda em Pedagogia - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha. Membro do grupo de pesquisa CIL - Corpus Infantil Longitudinal. [suellen.a.sousa@gmail.com]

às línguas de sinais pelos alunos surdos como premissa para o desenvolvimento cognitivo e comportamental.

No terceiro capítulo, o autor dedica-se a explicar a intervenção de instrumentos, signos e pessoas nas relações entre o homem e o mundo. A linguagem é um instrumento e, diferentemente dos signos, cumpre a função de regular as ações do sujeito sobre o objeto. Os signos, por sua vez, regulam os indivíduos em suas atividades psíquicas. Assim, através da interação com outras pessoas, a criança absorve operações a partir do meio social e desenvolve a capacidade de autorregulação, automonitoramento, autoverificação e autoavaliação (KARPOV; HAYWOOD, 1998, p. 27) Essa absorção permite que a criança compreenda e se insira nas dinâmicas do meio social junto a outros adultos e crianças. A esse movimento é dado o nome de Mediação Metacognitiva. Por outro lado, e também a partir da interação com os outros, a criança adquire ferramentas para solucionar problemas referentes a algum assunto específico. É o que ocorre com o ingresso da criança no ambiente escolar, quando lhe são apresentados, por exemplo, conceitos científicos. Esta forma de mediação é chamada de Mediação Cognitiva.

Ainda no terceiro capítulo, Figueiredo introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal como a diferença entre o nível de desempenho de uma tarefa realizada por uma criança de forma independente e o nível de desempenho da mesma criança com a assistência de um adulto ou de outra criança mais experiente. Para exemplificar: uma criança classificada em uma escala psicométrica na faixa etária de 8 anos, quando assistida, desenvolveu determinada atividade do nível da faixa etária de 10 anos. No caso ilustrado a ZDP é de 2 anos, ou seja, a diferença numérica entre a faixa etária e o nível da atividade efetivada. A ZDP enfatiza o resultado das interações na aprendizagem e possibilita o reconhecimento das necessidades educacionais do aluno.

O conceito de ZDP, criado por Vygotsky, pode ser associado com o termo *scaffolding* de Wood, Bruner e Ross (1976). É este o tema do quarto capítulo da obra aqui resenhada. *Scaffolding*, que pode ser cooperativamente traduzido como suporte, refere-se ao apoio dado pelo tutor sem o qual a criança não conseguiria desempenhar uma determinada tarefa. O objetivo é proporcionar uma estrutura temporária que possibilite que a criança construa a habilidade necessária e, assim, consiga completar a tarefa de forma autônoma. A retirada do *scaffolding* resulta na redução da ZDP, ou seja, quando a criança passa a ser capaz de desempenhar determinadas tarefas de forma independente, os apoios são gradativamente retirados e, assim, diminui-se a diferença entre o que ela consegue realizar sozinha e aquilo que ela consegue realizar com ajuda.

O quinto capítulo é dedicado à Teoria Sociocultural e a Aprendizagem de segunda língua e Língua estrangeira. Figueiredo explica que em Vygotsky a socialização promove o uso da língua para aumentar o aprendizado. A teoria sociocultural incentiva a interação e realça a relevância do aspecto colaborativo da aprendizagem. São elencadas algumas abordagens e metodologias à luz da referida teoria. A abordagem baseada em tarefas busca fornecer um espaço de produção linguística, visto que o envolvimento em torno da resolução de um problema propicia o diálogo. A interação, neste caso, não é o meio, mas o fim da atividade ela mesma. Outra abordagem possível é baseada na aprendizagem colaborativa. Visa-se a produção de significados e a absorção de conhecimentos através da construção conjunta entre os

indivíduos. A construção conjunta opera por meio de questionamentos, acréscimos e correções mútuas.

A aprendizagem colaborativa não é restrita às línguas orais. A colaboração é possível e benéfica na aprendizagem de qualquer modalidade de língua. É também recorrente o uso de *scaffoldings* no processo de ensino de línguas visuoespaciais como a Libras.

O autor menciona o uso de jogos em sala de aula como forma de proporcionar a interação entre os participantes, a sujeição a regras e a vivência de papéis que transpõem a própria identidade. Entretanto, é feita uma ressalva sobre os resultados positivos do uso de jogos que dependem da familiarização dos alunos com o trabalho em equipe. Nessa perspectiva, segundo Moll, “quando o conteúdo das interações é importante ou necessário [...] as pessoas são motivadas a estabelecer os contextos sociais para a transferência ou aplicação de conhecimentos e de outros recursos”. (2002, p. 320)

Ao final do capítulo é apresentada a avaliação dinâmica. Esse modelo de avaliação propõe-se a dar ênfase aos processos de aprendizagem em detrimento dos resultados finais alcançados pelo aluno. Nessa perspectiva, o momento da avaliação não é dissociado do momento da instrução. O autor encerra essa parte do livro ressaltando a importância dos projetos telecolaborativos como instrumento de enriquecimento linguístico e cultural. Em ambientes virtuais, é possível a superação da distância geográfica viabilizando amplas trocas entre alunos de diferentes países.

No sexto e último capítulo, o autor disserta sobre a importância da colaboração na formação de professores com a aplicação da teoria Vygotskyana. Como em qualquer processo de aquisição de habilidades, a interação com outros indivíduos é fundamental. Surge a figura do professor coordenador que, nessa relação, tem a função de mediar a evolução do professor fornecendo acervo para um desenvolvimento reflexivo e crítico do profissional da educação. O uso das tecnologias também é mencionado pelo autor como importante para o desenvolvimento das competências interculturais e profissionais dos professores.

Nesse sentido, cabe destacar que o livro *Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas* suscita relevantes reflexões sobre a aplicação da Teoria Sociocultural em diferentes contextos educacionais. Através de uma escrita clara e objetiva, somos convidados a debruçarmo-nos sobre a complexidade da atividade docente, de forma a compreender que propostas de ensino e avaliação simplistas não alcançam o cerne da relação do indivíduo com seu processo de aprendizagem. Considerando a teoria sociocultural, as relações dialógicas permitem a construção do conhecimento; fato que deve ser incorporado à didática adotada pelos professores independentemente da faixa etária com a qual trabalham.

O livro cumpre com seus objetivos. Apresenta os conceitos básicos da teoria de Vygotsky e nos encaminha para debates essenciais, tais como a educação de alunos surdos e o uso da tecnologia para promover interações que restariam inviáveis em função das distâncias geográficas e culturais.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, F. J. Q. *Vygotsky: A interação no ensino/aprendizagem de línguas*. São Paulo: Parábola, 2019.

KARPOV, Y.V.; HAYWOOD, H.C. *Two ways to elaborate Vygotsky's concept of mediation*. *American Psychologist*, vol. 53, n. 1, p. 27–36, 1998.

MOLL, L. C. *Vygotsky e a educação: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Artmed, 2002.

WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. *The role of tutoring in problem solving*. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol. 17, p. 89–100, 1976.